

DISCUSSÕES TEÓRICAS SOBRE O PATRIMÔNIO E A MEMÓRIA EM TORNO DOS EX-LÍBRIS

Márcia Della Flora Cortes

Doutoranda em Memória social e Patrimônio Cultural.
Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil.
marciadfc@yahoo.com.br.
<https://orcid.org/0000-0002-4408-9647>

João Fernando Igansi Nunes

Doutor em Comunicação e Semiótica. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil.
fernandoigansi@gmail.com.
<https://orcid.org/0000-0003-3463-5605>

RESUMO

Os ex-líbrs estão entre as marcas de proveniência bibliográfica, deixadas em um livro, que mais possibilitam fixar, manifestar, reconhecer e evocar a memória. Além de demarcar posse, os ex-líbrs podem ingressar em coleções e serem ressignificados. Diante disso, o presente estudo tem o objetivo de discutir os ex-líbrs a partir de concepções teóricas da memória e do patrimônio. Essa pesquisa parte de uma revisão bibliográfica em textos de teóricos como Halbwachs (1990), Candau (2016), Ricoeur (2007), Bertinazzo (2012), Prats (2000), Melot (2004) entre outros. Como procedimentos metodológicos, os dados foram coletados *in loco* na Bibliotheca Rio-Grandense, onde os ex-líbrs foram fotografados, por ser esse um instrumento de salvaguarda e que permite posterior análise. Dentre a coleta, foi selecionada uma amostra de ex-líbrs, com diferentes temáticas, que reúne elementos que mostram, claramente, a influência dos quadros sociais da memória, na construção das lembranças do titular, manifestadas na criação da marca de posse bibliográfica. Os resultados apontam que os ex-líbrs podem ser patrimônios por ressonância e constituem importantes instrumentos de representação de seus titulares, visto que seus rastros estão relacionados aos quadros sociais, assim como a metamemória na evocação de lembranças. Observou-se, especialmente, a presença do ambiente de trabalho, de lugares, de profissões e de objetos que revelam o contexto em que viveu o proprietário de livros.

Palavras-chave: Ex-líbrs. Memória. Patrimônio.

THEORETICAL DISCUSSIONS ABOUT PATRIMONY AND MEMORY AROUND BOOKPLATES

ABSTRACT

The bookplates are among the marks of bibliographic provenance left in a book that make it possible to fix, manifest, recognize and evoke memory. In addition to demarcating possession, bookplates can enter collections and be re-signified. Given this, the present study aims to discuss the bookplates from theoretical conceptions of memory and heritage. This research starts from a bibliographic review in texts by theorists such as Halbwachs (1990), Candau (2016), Ricoeur (2007), Bertinazzo (2012), Prats (2000), Melot (2004) and others. Methodological procedures, data were collected *in loco* at the Rio-Grandense Library, where the bookplates were photographed, as this is a safeguard instrument and allows for further analysis. Among the collection was defined a sample of bookplates with different themes, which brings together elements that show the influence of the social frames of memory in the construction of the holder's memories, manifested in the creation of the bibliographic possession mark. The results point out that the bookplates can be patrimony by resonance and important instruments of representation of their holders since their tracks are related to the social frames, as well as the metamemory in evoking memories. Note especially the presence of the work environment, places, professions and objects that reveal the context in which the book owner lived.

Keywords: Bookplates. Memory. Patrimony.

Recebido em: 08/02/2021

Aceito em: 05/12/2021

Publicado em: 11/04/2022

1 INTRODUÇÃO

O patrimônio cultural está atrelado a uma teia de significados que envolve a materialidade e a imaterialidade de bens que representam a memória de uma sociedade. Entre a gama desses bens que herdamos, está o patrimônio bibliográfico que pertence a acervos institucionais, públicos e privados. Os livros, enquanto registros históricos do conhecimento, revelam muito sobre a mentalidade de uma época, pois tanto em sua materialidade quanto em seu conteúdo, encontramos referências sociais e culturais importantes, portanto, tornam-se fontes de pesquisa, para além da história do livro, as artes, a cultura visual, a memória gráfica, a sociologia, a antropologia visual e outras disciplinas correlatas.

Dentre os aspectos que compõem os livros, estão as marcas de diferentes naturezas, tais como: marcas de posse (antigos possuidores), marcas de relações afetivas (dedicatórias), marcas de uso (dobras, sublinhados, anotações, rabiscos, rasgos) e marcas de tempo (pó, amarelamento). Cada uma dessas marcas constitui indícios da vida social do livro e apontará a maior ou menor intensidade das relações estabelecidas entre os sujeitos e o referido objeto.

Assim, temos marcas de proveniência que, conforme Faria e Pericão (2008, p. 605), fornecem informações “acerca da transmissão de propriedade de um manuscrito ou impresso. Uma encadernação especial com super-libros, ex-libris, carimbo, selo branco ou qualquer inscrição de anteriores possuidores [...]”, que possibilitam reconhecer o itinerário, a herança cultural das coleções e compreender o contexto histórico de sua criação. De acordo com Rodrigues, Vian e Teixeira (2020, p. 6), “as marcas e registros de procedência nos levam a conhecer com exatidão o conjunto de obras de mesma origem, abrindo um leque de estudos possíveis sobre aquela obra e/ou sobre seu(s) proprietário(s)”. Além de assinaturas e marcas de propriedade bibliográfica, outros indícios personalizam um livro e podem ajudar a esclarecer sua proveniência.

Diante das referidas marcas, compreende-se que os ex-líbris¹ são os registros de posse que mais representam a memória de antigos possuidores, uma vez que foram criados para identificar a titularidade de um livro. Perante a carência de estudos sobre o ex-líbris, como um suporte de memória, que é ressignificado, o presente trabalho tem o objetivo de discuti-lo

¹ Observa-se que a grafia da palavra ex-líbris possui variações em diversas línguas. Em latim, escreve-se *ex libris*, separado, sem hífen e sem acento e a expressão é reconhecida mundialmente. Nesse texto, utiliza-se a forma aportuguesada, adotada por Machado (2014, p. 43) que diz: “Em português, desde o início, consagrou-se a palavra com dois elementos unidos por hífen: ex-líbris”. Nos casos em que houve citações, a grafia foi utilizada conforme a respectiva fonte.

a partir de concepções teóricas da memória e do patrimônio. Para tanto, essa pesquisa, de abordagem qualitativa, foi construída a partir de uma revisão bibliográfica em autores como Halbwachs (1990), Candau (2016), Ricoeur (2007), Bertinazzo (2012), Prats (2000), Melot (2004), Poulot (2009) entre outros, que tratam sobre temáticas como a memória, ex-líbris e patrimônio. Como procedimento metodológico, a coleta de dados foi realizada *in loco* na Bibliotheca Rio-Grandense, especificamente nas salas José da Silva Paes, Fernando Duprat da Silva e Padre Egídio Oberfeld. Dentre os ex-líbris encontrados, para esse estudo, foi selecionada uma amostra², compreendendo diferentes temáticas, presente em obras do século XVI ao século XX, que reúne elementos exibindo, claramente, a influência dos quadros sociais da memória, na construção das lembranças do titular e manifestados na criação da marca de posse bibliográfica. Os ex-líbris foram fotografados por ser esse, um instrumento de salvaguarda, que possibilita posterior análise.

2 O EX-LÍBRIS: REGISTRO DE PROPRIEDADE BIBLIOGRÁFICO

A relação entre um proprietário de livros e sua coleção³, por vezes, é marcada pelo ex-líbris. Esse pequeno objeto é uma marca⁴ de propriedade bibliográfica, utilizada por titulares que estabelecem uma relação afetiva e sociocultural com um livro. Em uma coleção ativa e contemporânea à vida do proprietário, o ex-líbris tem a função de marcar a posse de livros. Após a morte do titular do livro, ou quando o exemplar já não estiver mais em sua coleção pessoal, o ex-líbris adquire a função de marcar a trajetória histórico cultural do livro e identificar anteriores possuidores, marcando assim, sua proveniência. Além disso, o ex-líbris poderá estar numa coleção pública ou privada (em posse de colecionadores) e, nesse caso, é ressignificado, atuando como um objeto de arte ou bem cultural, exposto ao olhar. De acordo com Machado (2014, p. 11), o ex-líbris, em sentido amplo,

² A coleta de dados completa, dessa pesquisa de doutorado, inclui marcas de propriedade bibliográficas que pertencem a obras do século XVI ao século XX, sendo que, o presente estudo utiliza uma amostra de cinco exemplares de ex-líbris. Observa-se, ainda, que um mesmo ex-líbris estava presente em obras de diferentes séculos e a data de publicação do livro não necessariamente tinha a mesma data de criação do ex-líbris.

³ As coleções implicam um agrupamento organizado de objetos, a partir de regras específicas para tal, como, por exemplo, ex-líbris agrupados por temática, técnicas de impressão, proprietários, artistas, data e/ou outras informações. Para Pomian (1984, p. 53), coleções são: “[...] qualquer conjunto de objectos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das actividades económicas, sujeitos a uma protecção especial num local fechado preparado para esse fim, e expostos ao olhar do público [...]”.

⁴ A palavra marca possui conotações diversas. No âmbito do *marketing* e da administração, refere-se a uma representação figurada utilizada para que as pessoas reconheçam produtos ou serviços. No âmbito dos ex-líbris, marca é um sinal ou conjunto de signos deixados para que um titular seja reconhecido, assim como um registro de propriedade bibliográfica.

[...] significa marca de posse de um livro, expressa através de assinatura, carimbo, etiqueta ou outro meio qualquer. No sentido restrito, que se impôs a partir do final do século XIX, é uma pequena gravura, emitida em série, que se cola na contracapa ou na guarda do livro, como símbolo de propriedade, na qual figuram a expressão *ex libris*, uma ilustração (brasão, monograma, alegoria etc.), o nome do titular e uma divisa, nenhum desses itens sendo obrigatório.

Os ex-líbrs surgiram antes mesmo do Renascimento, entretanto, foi a partir do surgimento da Prensa de Gutenberg, em 1450, que passaram a ser mais utilizados (BRUCHARD, 2008). Em decorrência de maior praticidade na elaboração de livros, também houve o aumento de produção do ex-líbrs, mas, naquele momento, ainda era um objeto bastante oneroso e restrito a poucos. Machado (2003, p. 17) esclarece que “no século XV, possuir manuscritos e livros era um prazer caro, reservado a poucos, e por isso se tornou símbolo de sabedoria, requinte intelectual e poder”. Aqueles que o tinham, desejavam marcar a sua posse por prestígio social. Ademais, o autor supracitado diz que os furtos no período medieval eram corriqueiros, o que levou proprietários a proteger suas coleções com um ex-líbrs.

Conforme a Federação Internacional dos Amadores de Ex-líbrs (FISAE, 2004), essas marcas de posse resultam de processos de gravura e podem ser impressos, de acordo com Stelling (2014), a partir da impressão por: entalhe (a tinta se deposita em partes entalhadas da matriz), relevo (a tinta se deposita nas partes em relevo) e planografia (a tinta fica no mesmo nível da matriz). Cada uma das referidas técnicas de impressão divide-se em originais e reprodutivas.

A partir dos elementos presentes nos ex-líbrs, pode-se categorizá-los em diferentes temáticas, tais como: paisagísticos, infantis, heráldicos, humorísticos, livrescos, profissionais, femininos, faunísticos, entre outros (MARTINS FILHO, 2008). A diversidade de temas não possui limite, uma vez que a memória a ser representada é infinita, isso porque quem fixa as memórias nas coisas, são os sujeitos.

É importante dizer que, apesar de as pessoas fixarem memórias nos objetos, elas não estão neles. As memórias estão nas pessoas. Ou seja, as memórias são evocadas e afirmadas na relação travada entre sujeito-objeto. Na verdade, sujeito e objeto sempre estão em um constante ato relacional. (BRAHM, 2017, p. 146).

A composição das referidas marcas de propriedade bibliográfica compreende: signos icônicos (mensagem visual, ilustrações), signos plásticos (cores, formas, dimensões) e signos linguísticos (nome do proprietário, divisa e a palavra *ex libris* ou outra que indica posse). Observa-se, conforme citado anteriormente por Machado (2014), que os referidos elementos nem sempre estão presentes. O autor supracitado informa que, raramente, os ex-líbrs eram datados, assim como poucos apresentavam o artista que os produziu.

As divisas, muitas vezes, eram escritas em latim, já que esse era o idioma que designava erudição. Para Mattos (1931, p. 7), “a divisa compunha-se, primitivamente, de duas partes; do corpo e da alma. Aquela era uma idealização simbólica cujo sentido se completava com a legenda ou a alma que sempre a acompanhava, e que, se visava o futuro, se designava tenção ou empresa.” Nessa perspectiva, o corpo materializa o pensamento do titular e estabelece ligação com a alma (legenda) que dá vida à marca de posse.

Conforme Bertinazzo (2012), os ex-líbrs resultam de um trabalho cooperativo, realizado entre o artista que o produz e o proprietário de livros que solicita a encomenda. Dessa forma, é preciso que o titular manifeste as memórias, que deseja expressar no seu ex-líbrs, ao artista que dará forma à representação.

Uma das qualidades peculiares do *ex libris* é o fato de ele ser um dos raros momentos da história da arte em que, a partir de determinada época, existe uma colaboração estreita e harmônica entre o encomendador do trabalho e o artista que o realiza: este deve seguir, o quanto possível, as orientações do bibliófilo relativas ao tema, itens que compõem esse selo, divisas, tamanho, técnica e afinar o desenho até que satisfaça a ambos. (BERTINAZZO, 2012, p. 31).

Logo, há uma identidade construída que é representada pela memória do titular, assim como, pela memória de uma técnica produzida pelo artista. Considerando que tanto o titular quanto o artista vivem em sociedade, teremos rastros que marcam a vida de ambos. Nesse contexto, podemos dizer que não preservamos somente materialidades, mas, sobretudo, quem fomos, somos ou quem queremos ser.⁵

3 A CULTURA MATERIAL E SEU POTENCIAL PATRIMONIAL

Pensar em patrimônio implica, indubitavelmente, em pensar naquilo que representa a memória da humanidade, os denominados registros históricos que se apresentam como referências capazes de identificar um grupo social em determinado tempo. O conceito de patrimônio transcende o de bens tradicionais e abarca, além da dimensão material, a imaterial (relacionada ao simbólico). Originalmente, conforme Hernández e Tresseras (2007), Funari e Pelegrini (2006), o termo provém do latim e remonta a antigas civilizações romanas que passavam os bens de pais para filhos, os quais eram herdados na estrutura social denominada patriarcalismo.

⁵ Essa ideia é trabalhada no artigo “Ex-líbrs: a economia patrimonial”, disponível em: <http://ventilandoacervos.museus.gov.br/wp-content/uploads/2020/02/07-Artigo-Márcia-Ex-libris.pdf>.

O patrimônio, enquanto concepção histórica, moderna e institucional, constituiu-se no final do século XVIII, quando se formaram os estados nacionais, e surgiu da necessidade de demarcar o território com bens que representassem e identificassem cada nação, por meio de instrumentos legais de preservação e proteção. A ideia, por parte do Estado, era criar, por meio do discurso patrimonial, uma identidade nacional homogênea. O caráter coletivo do patrimônio intensificou-se, no século XIX, quando surgiu o sentimento de pertencimento em relação a um conjunto de elementos referenciais que representavam um grupo e o diferenciavam de outro. Logo, com o entendimento de patrimônio, enquanto uma categoria jurídica, também se passa a melhor compreender as coleções, no âmbito privado ou público.

Essa concepção transformou-se ao longo dos anos e, hoje, não é restrita a obras monumentais. A antiga visão simplista que reduzia o patrimônio aos “grandes feitos da humanidade” ampliou-se e compreende aquilo que possui um valor “espiritual” ligado ao emocional de quem o detém, como pequenos objetos de caráter simbólico. Ou seja, hoje, de acordo com Choay (2006), todos os objetos têm o potencial de ser patrimônio. Conforme Poulot (2009), isso ocorreu em decorrência da ampliação da concepção de cultura no século XX, que reconheceu o legado de diversas naturezas de todo e qualquer grupo social.

Assim, o patrimônio é ressignificado no tempo e no espaço. Um objeto⁶ surge, normalmente, com finalidade utilitária, no entanto, pode tornar-se um patrimônio à medida que surgem novos desejos sociais, gostos, necessidades e conforme fatores políticos, econômicos, ideológicos e outros. Nessa perspectiva, Chagas (1994) diz que o objeto não nasce documento, mas é transformado como tal, pelo olhar do sujeito que o reconhece. No caso dos ex-líbris, eles têm uma vocação documental, surgem para marcar a propriedade e, ao longo do tempo, ganham uma nova função, são expostos ao olhar e deleite de colecionadores. Para Prats (2000), o patrimônio é uma construção social e está sujeito a uma legitimação simbólica que provoca o sentimento de pertencimento e apego em relação aos bens.

A partir dessas colocações, podemos refletir: seriam os ex-líbris patrimônios? Eles têm potencial de se tornarem patrimônios? Antes de buscarmos respostas para tais perguntas, é pertinente trilhar um caminho sobre o ex-líbris no contexto dos objetos, bens patrimoniais e valores atribuídos ao patrimônio.

⁶ Conforme Dohmann (2013, p. 32), “O objeto traduz na sua materialidade a intenção do ato preexistente que lhe deu origem; e a sua forma é produto de uma *performance* imaginada até mesmo antes da sua própria configuração física”. As relações do homem com o seu meio são determinantes para a criação de artefatos que buscam atender a suas mais variadas necessidades.

Associa-se o surgimento do ex-líbris ao cuidado dos povos em preservar seu patrimônio bibliográfico, não apenas por ser, inicialmente, um sinal de distinção social, mas, sobretudo, pela necessidade de proteger e salvaguardar o conhecimento de um objeto que possui valor, significado e sentido ao titular. Por conseguinte, outras gerações podem ter o prazer de encontrar nos livros a cultura material de objetos que potencializam, por meio das marcas de propriedade bibliográficas, destacar, simbolizar, representar a memória coletiva, de um sujeito e de uma técnica.

Temos então o ex-líbris no interior de um objeto documental, o livro. A utilização das referidas marcas está fortemente ligada à vaidade e à necessidade que o sujeito tem de imprimir nos objetos características que possuem ou que gostariam de ter, como representação, na sua ausência. Diante da efemeridade da vida, os objetos, em especial os de coleção, a exemplo dos ex-líbris, tornam-se, conforme Gonçalves (2007), a extensão da própria vida dos titulares e, assim, são uma forma de prolongar a existência humana simbolicamente.

Cada marca de proveniência deixada no livro é um fragmento da vida social desse objeto. As marcas de posse bibliográficas conferem uma identidade única aos exemplares, uma vez que trazem elementos particulares da memória dos titulares. Corroborando com a teoria ator-rede, de Latour (2012), que mostra a relação entre humanos e não humanos (objetos), os ex-líbris apontam para uma vida ativa no que concerne à mediação social entre proprietários e livros. “Cada objeto possui uma biografia própria, única, e, portanto, insubstituível” (BRAHM; RIBEIRO; SERRES, 2020, p. 209); nesse sentido, toda marca significa uma história ou parte de uma e os ex-líbris refletem o valor simbólico atribuído pelo titular ao seu livro.

A partir do pensamento de Melot (2004) compreende-se que há uma íntima relação entre o objeto patrimonial e o conjunto de indivíduos que ele representa, de modo que um não existe sem o outro. É através da legitimação e reconhecimento das características do objeto patrimonial pela comunidade que surge o valor simbólico atribuído ao patrimônio. Esse resulta de uma série de práticas que são a expressão da cultura e sociedade, como por exemplo, o livro raro. Nas palavras de Melot (2004, p. 6, tradução nossa) “a escrita não é apenas um texto, é também uma imagem, é também um gesto e também é um ato.” Logo, patrimônios bibliográficos exteriorizam a memória e, embora o livro raro não seja um bem universal, a sua forma configura o pensamento e a sua materialidade é a representação de processos sociais, o resultado de um trabalho artesanal, cuja irregularidade não é uma falha, mas uma característica que confere singularidade e provê identidade aos artífices de uma época.

Para Araripe (2004) é essencial dar uma utilidade social ao patrimônio. A autora explicita que quando o patrimônio é inserido no contexto social da comunidade, esta o reflete em sua memória e, sobretudo, poderá utilizá-lo “como fonte de (in)formação para a pesquisa e o ensino” (ARARIPE, 2004, p. 118), contribuindo para a formação de um cidadão consciente dos bens que a ele representam. Nessa perspectiva, os acervos bibliográficos, incluindo ex-líbris, são suportes de evocação de memórias atrelados a trajetórias de vida que possibilitam a comunidade reconhecer e também construir a sua identidade. A partir do momento em que a comunidade estabelecer laços com tais objetos, utilizá-los e sentir que lhe pertencem, teremos um patrimônio que une o passado ao presente e se mantém vivo na memória e nas manifestações sociais.

A fim de que isso ocorra, cita-se Mouren (2007) que apresenta uma visão ampla e interligada sobre a gestão do patrimônio de uma biblioteca. Conforme essa autora, a conservação do acervo está ligada a todas as outras atividades desenvolvidas, tais como: política de aquisição e desenvolvimento de coleções, política de conservação, política de divulgação, segurança, exposições, planos de emergência, entre outras. Não menos importante, a descrição em inventários e catálogos contribui para divulgação dos documentos patrimoniais que hoje, podem ser digitalizados e consultados *on-line*. É evidente que a materialidade do próprio suporte é uma informação em si e, portanto, não dispensa a presença física do mesmo, no entanto, a digitalização facilita o acesso instantâneo a documentos.

Além dos aspectos citados, Benhamou (2016, p. 23) explana que “o patrimônio associa-se a valores sociais: é um elemento da coesão social, da adesão coletiva a referências culturais”, visto que une as pessoas em torno de um passado supostamente comum e uma identidade, decorrente da importância que a sociedade atribui à memória coletiva. Corroborando com Brahm (2017), é a partir das relações travadas entre os sujeitos e os objetos que se constroem os patrimônios, uma vez que se estabelecem laços afetivos que estão diretamente relacionados à capacidade de lembrar e imaginar, como os ex-líbris.

Nessa condição, expostos ao olhar, são ressignificados e, embora não tenham mais como função principal marcar a posse, os ex-líbris formam um sistema próprio de valores e papéis definidos. Por isso, são atribuídos valores, tais como artístico, histórico e simbólico, que são compatíveis com o patrimônio e os tornam verdadeiros bens culturais para seus detentores, como colecionadores e apreciadores. Entretanto, mesmo que não sejam patrimônio pela chancela do Estado, eles podem ser considerados patrimônio por provocar ressonância nos sujeitos. Segundo Gonçalves (2007), o patrimônio é legítimo quando o público encontra

num objeto elementos que permitem seu reconhecimento e evocam a memória. Logo, através da ressonância, o ex-líbris tem potencial de ser consagrado como patrimônio.

4 CONCEPÇÕES TEÓRICAS DA MEMÓRIA EM TORNO DOS EX-LÍBRIS

A memória é a base para a construção do conhecimento, responsável pela aquisição, conservação e evocação de informações e, sobretudo, é essencial para a constituição de nossas identidades, como aponta Candau (2016). Sem a memória não saberíamos de onde viemos e quem somos; logo, é uma capacidade mental vital. Compreende-se a memória como uma ampla categoria associada a aspectos neurobiológicos e também a aspectos sociais, fundamentais para que a sociedade eleja seus patrimônios.

Para Izquierdo (1989), numa concepção neurobiológica, a memória inclui mecanismos de armazenamento, formação e evocação. Nesse processo, os órgãos dos sentidos, como a visão, são ativados para gravar memórias, já que o ser humano é essencialmente visual.

Para Ricoeur (2007), a memória constitui-se de rastros que nos conectam ao passado e nos fazem lembrar de algo. Dito de outra maneira, podemos (re)significar a realidade a partir de vestígios do passado que indicam que algo ocorreu no tempo, embora não tenhamos mais o objeto que realizou tais marcas (RICOEUR, 2007). Nessa perspectiva, a escrita, verbal e visual, dos ex-líbris, torna-se um meio de transmitir a memória para a posteridade, evidentemente, se essas informações puderem ser “lidas”, acessadas e compreendidas pelos sujeitos que se relacionam com os mesmos.

Segundo Assmann (2011), a escrita é uma das formas mais potentes de combater a morte social, que é o esquecimento. A materialidade é finita, no entanto, existem meios de preservar a memória. Essa autora afirma que “[...] a escrita não é só *medium* de eternização, ela é também um suporte da memória” (ASSMANN, 2011, p. 199). Por esse viés, os ex-líbris são mediadores e suportes de memória que preservam a escrita verbal e visual e, sobretudo, são instrumentos de representação da identidade.

A discussão sobre a memória coletiva e a memória individual, a partir da teoria sociológica de Halbwachs, revela-se interessante para compreendermos a constituição dos ex-líbris. Para Halbwachs (1990), cada indivíduo constrói suas memórias a partir das relações estabelecidas com o outro dentro de um grupo social, portanto, elas resultam de um processo coletivo. Desse modo, a memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva e ela será mais forte e intensa quanto maior for nosso contato com as pessoas com as quais se vive um fato.

Segundo Halbwachs (1990), as lembranças são formadas de acordo com um conjunto de referências externas ao indivíduo, denominadas de quadros sociais da memória, para os quais são citados, como exemplos, lugares, amigos, familiares, trabalho, instituições educacionais e outros grupos sociais. Logo, a memória é moldada por um conjunto de representações que determinarão aquilo que é lembrado ou esquecido, situando o indivíduo em relação ao tempo e ao espaço.

Sob esse ponto de vista, os objetos podem ser colocados como elementos dos quadros sociais da memória, na medida em que moldam nossa memória pessoal. Entre os objetos, podemos situar os ex-líbris, uma vez que refletem a memória de um proprietário que estava inserido em determinado contexto histórico e social. Os quadros sociais serão expressos, inclusive, na materialidade de seus objetos e na maneira como se relacionam com os mesmos. Em decorrência, o ex-líbris apresentará rastros memoriais e identitários de um indivíduo numa perspectiva coletiva.

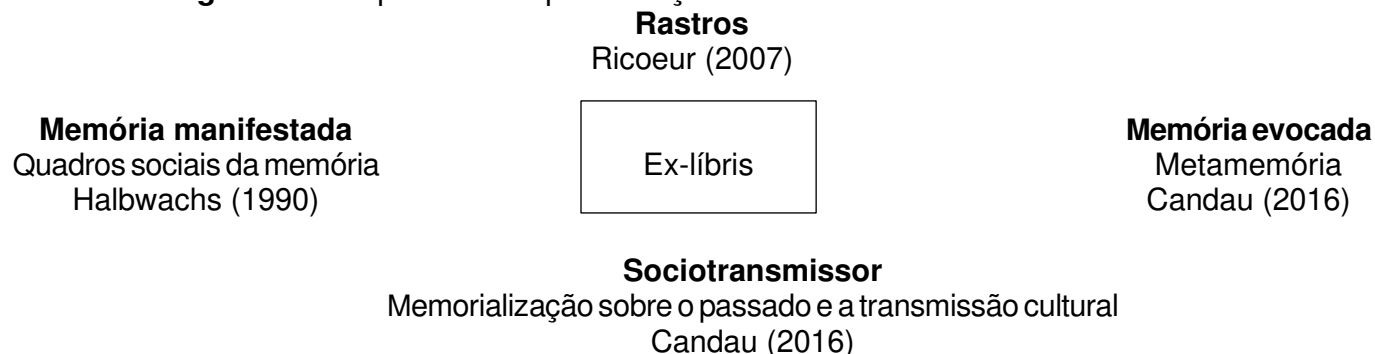
Candau (2016), diferentemente de Halbwachs (1990), entende que a memória é essencialmente individual, uma vez que cada indivíduo pensa e interpreta de maneira única. Para Candau (2016, p. 47), “uma memória verdadeiramente compartilhada se constrói e reforça deliberadamente por triagens, acréscimos e eliminações feitas sobre as heranças”, de modo que ocorre a convergência de pensamentos e representações das memórias individuais, estabelecendo uma relação direta com a identidade, que é reconstruída de forma dinâmica na sociedade. Mesmo que a memória seja uma reconstrução individual, o autor supracitado não refuta a influência dos quadros sociais de Halbwachs (1990) porque entende que o sujeito depende de circunstâncias passadas para lembrar.

Observa-se que, para Candau (2016), a memória e a identidade são intrínsecas, uma vez que o sujeito não se reconhece sem a memória, a qual se divide em: protomemória (memória de baixo nível, como, por exemplo, andar de bicicleta), memória de alto nível (memória propriamente dita, de recordação e reconhecimento) e metamemória (a representação que cada pessoa faz de sua memória ou o que diz sobre ela). Considerando esse aporte teórico, destaca-se que a metamemória age na perspectiva do sujeito que observa, num contexto social, aproximando-se da perspectiva coletiva de Halbwachs (1990). Cada pessoa fará uma interpretação da visualização dos signos presentes no ex-líbris de acordo com a vivência e bagagem cultural construída ao longo da vida, não será apenas possível evocar uma memória, mas também será possível fortalecer a própria identidade.

Para melhor compreendermos como, em tese, agem as teorias sociológicas da memória de Halbwachs (1990), Candau (2007) e Ricoeur (1990) nas marcas de propriedade

bibliográficas, segue o esquema abaixo (Fig. 1), no qual se situam o ex-líbris e os elementos que influenciam a memória, tanto em sua criação quanto em sua interpretação:

Figura 1 – Esquema da representação da memória em torno dos ex-líbris



Fonte: Cortes (2021)

Com esse esquema (Fig. 1), percebe-se que, quando lembramos algum fato com o intuito de fixar/manifestar a memória num suporte, sofremos influência dos quadros sociais porque as lembranças de um indivíduo são relativas a momentos compartilhados com outros, como em família, em determinada paisagem, ouvindo uma boa música num momento de férias, entre outros. No momento em que pensamos o que será representado, nossa memória se ancora em pontos de referência que nos situam no tempo e no espaço e determinarão o que será lembrado.

O ex-líbris, produzido por um artista, sob encomenda de um titular, é composto pelas imagens (lembranças) que se apresentam como rastros (vestígios, marcas), signos de uma coisa ausente. Desse modo, temos um rastro que veicula a memória fluida e reconstruída no presente e, assim como o patrimônio, é um processo, os rastros nos ex-líbris dão indícios de hábitos sociais, usos, costumes e fatos que ocorreram. Por mais distantes que estejam no tempo, estão registrados e podem ser recuperados por um trabalho memorial, mediante a ativação do olhar documental, pois são visíveis e reconhecidos.

Outro aspecto a se considerar no ex-líbris é a sua atuação enquanto um sociotransmissor. É evidente que o sujeito possui uma grande capacidade de guardar informações em sua mente, no entanto, graças a exteriorização da memória, temos a transmissão memorial para futuras gerações. Diante dessa preocupação, o homem deixa traços, marcas de sua memória, em objetos, e garante que a sua identidade seja reconhecida na posteridade, quando não estiver mais vivo. Nesse sentido, investimos de valor determinados objetos, denominados, por Candau (2016), de sociotransmissores, que promovem a memorialização sobre o passado e a transmissão cultural.

Ao visualizarmos um ex-líbris, na condição de observador, faremos uma interpretação a partir dos signos dispostos na composição visual. Logo, poderemos ter a memória evocada associada às representações daquele ex-líbris e, sobretudo, isso possibilitará reconhecer elementos da cultura de um indivíduo ou grupo ali presente.

4.1 A memória e o ex-líbris na Bibliotheca Rio-Grandense

A Bibliotheca Rio-Grandense, instituição que originalmente remonta ao Gabinete de Leitura da cidade do Rio Grande, localizado no estado do Rio Grande do Sul, no Brasil, desenvolve suas atividades desde o século XIX. Ao longo desse percurso, consolidou-se como um importante espaço educativo, atuando no incentivo à prática de leitura, apoio a pesquisas e disseminação do conhecimento. Segundo Aquino (2021), o acervo constituiu-se por obras adquiridas e também doadas pelos sócios, as quais pertenciam a suas bibliotecas particulares. Além disso, a autora supracitada explana que o acervo inclui obras de diversos idiomas estrangeiros, traduções e obras proibidas. O prédio da Bibliotheca Rio-Grandense, assim como seu acervo são tombados como patrimônio histórico e cultural do estado, reunindo coleções ricas e variadas, obras raras e especiais, que possibilitam a presença de diversas marcas de proveniência, e assim, essa biblioteca foi selecionada para realização dessa pesquisa.

A seguir, será exposta uma amostra de ex-líbris de diferentes temáticas, coletados *in loco*, na Bibliotheca Rio-Grandense, nas salas José da Silva Paes, Fernando Duprat da Silva e Padre Egídio Oberfeld. Durante as buscas, foram observadas, as folhas iniciais e finais dos livros onde, geralmente, localizam-se as marcas de posse bibliográficas e, quando encontradas, foram fotografadas. Os exemplares apresentam signos icônicos, plásticos e linguísticos e estão relacionados às teorias dos autores supracitados nessa seção:

Figura 2 – Ex-líbris de James Edge Partington



Fonte: Cortes (2019)

O ex-líbris do britânico James Edge Partington (1854-1939) (Fig. 2) representa elementos da cultura material de povos da Polinésia, tais como penachos, flechas, vestimentas e um boneco. Esses objetos estão relacionados à profissão exercida pelo titular, que era antropólogo e, inclusive, atuou no British Museum. Segundo Friends of the Hocken Collections (2005, p. 4), James, que era membro da Sociedade Polinésia, realizou estudos com povos nativos das Ilhas do Pacífico, coletando, por três anos, informações e artefatos, como armas, ferramentas, ornamentos, artigos de vestuário, entre outros. O etnógrafo produziu álbuns que se tornaram referência quanto à cultura e aos artefatos do Pacífico.

Observa-se que a experiência vivenciada pelo antropólogo, no interior de um grupo social e num ambiente de trabalho, está representada na materialidade do ex-líbris. Além dos referidos elementos, o ex-líbris contém um brasão heráldico no canto superior direito e abaixo a divisa em latim “Constans fidei” que pode ser traduzida como “Sempre em boa-fé” (tradução nossa)⁷. Todos os elementos que compõem a narrativa visual reportam para os quadros sociais da memória do titular e estão presentes na memória manifestada.

Figura 3 – Ex-líbris de Christian Monsen Hammer



Fonte: Cortes (2019)

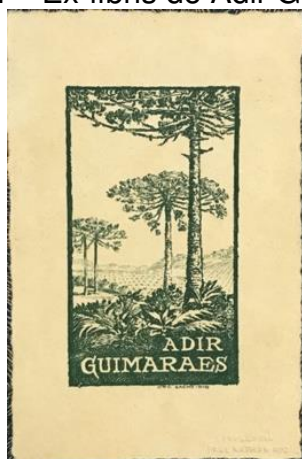
O ex-líbris do norueguês Christian Monsen Hammer (1818-1905) (Fig. 3), além de apresentar uma ilustração, inclui também a divisa em francês “En avant, toujours en avant!”, que significa “Em frente, sempre em frente” (tradução nossa), a qual se acredita estar relacionada à persistência do titular em formar suas coleções. Observa-se a localidade de Estocolmo e a Bibli Hammer, no canto inferior esquerdo. A palavra Hammer, em inglês, significa martelo e é um dos instrumentos de trabalho do ourives, profissão desse proprietário de ex-líbris. A figura

⁷ Tradução realizada com auxílio do professor Dr. Vicente Dobroruka do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília.

apresenta um anjo sentado, segurando um martelo. Ele é puxado por quatro cavalos numa carruagem ornamental e detalhada que representa o contexto social e cultural em que estava inserido o referido titular.

Conforme Ian Wiséhn (2009), Hammer era filho de fazendeiro e, além de ser joalheiro, era colecionador de arte e bibliófilo. Formou uma grande e diversa coleção, incluindo moedas, medalhas, objetos arqueológicos, gravuras, cerâmica, tecidos, joias, metais preciosos, armas e tantos outros objetos antigos. Christian desejava constituir um museu na Noruega e chegou a escrever cartas para autoridades, mas, sem retorno, acabou deixando seu país. Viveu em Estocolmo, na Suécia, depois em Paris, e retornou para a Suécia, onde fundou o Hammers Museum. Houve uma tentativa de venda de sua coleção para o estado, no entanto, a maior parte foi vendida em leilões, após a sua morte (WISÉHN, 2009). O ex-líbris do titular contém elementos que representam a trajetória de sua vida e, portanto, os quadros sociais influenciaram em sua criação.

Figura 4 – Ex-líbris de Adir Guimaraes



Fonte: Cortes (2019)

O ex-líbris do brasileiro Adir Guimaraes (1900-1966) (Fig. 4) apresenta uma paisagem composta pela espécie de árvore araucária. Segundo Medeiros (2007), esse titular era natural da cidade de Curitiba, no estado do Paraná. A araucária é uma árvore típica da região sul e, possivelmente, por laços afetivos com sua terra natal, o titular imprimiu esse quadro social da memória, especificamente, uma paisagem que marcou algum momento de sua vida, em seu ex-líbris. Nessa marca de posse, consta o local Rio de Janeiro e o nome do artista que o criou, Otto Sachs, e é todo na cor verde, monocromático.

De acordo com Medeiros (2007), Adir foi militar, engenheiro, professor e gostava de colecionar documentos autografados, como fotografias, cartas, cartões e bilhetes. No entanto,

apesar desse hobby não constar em sua biografia oficial, dá-nos indícios da importância dos impressos na vida pessoal de Adir e aponta motivos para o uso de ex-líbris em seus livros. Medeiros (2007) diz que Adir era apaixonado por literatura e por autógrafos de escritores e deixou uma coleção de 1.062 documentos.

Figura 5 – Ex-líbris de Herbert Wartner



Fonte: Cortes (2020)

O ex-líbris acima, era de Herbert Wartner (Fig. 5), um mestre, tapeceiro alemão, que viveu no Brasil, especificamente, na cidade de Rio Grande, no estado do Rio Grande do Sul. Ele trabalhou na antiga indústria têxtil Rheingantz, também conhecida por União Fabril, a qual, segundo Ferreira (2013), foi uma das pioneiras nesse setor, no século XIX, no sul do Brasil. Conforme a autora, essa indústria estimulou a vinda de europeus, especialmente alemães, para trabalhar em seus setores técnicos.

Destaca-se que essa indústria marcou a história econômica, social e cultural da cidade que avançou nos processos de urbanização (FERREIRA, 2013). É um espaço simbólico para trabalhadores que lá desempenharam atividades, por anos, assim como para Herbert Wartner, que comandava a seção de tapeçaria. De acordo com Textile Industry (2012), “Cabia ao mestre Wartner produzir os desenhos, os padrões dos tapetes em papel milimetrado e que correspondiam a ‘maços’ de lã de cores e, muitas vezes, de alturas diferentes [...]”.

O percurso social e profissional do titular do ex-líbris faz-se presente em sua marca de posse, através dos quadros sociais da memória, que envolvem suas atividades e o ambiente profissional. O tear, objeto típico de tecelões, está cercado por um tecido, possivelmente um tapete e um arranjo de flores. Além disso, a divisa em alemão transmite certa nostalgia: “A gente deixa fluir o coração, sabendo que outro o levará delicadamente, e ainda assim

com ânimo, para baixo o derrubará” (tradução nossa)⁸, referindo-se à força gerada pelo contrapeso do tear, que faz um movimento de vai e vem.

Figura 6 – Ex-líbris de Victor Marat d’Avila Perez



Fonte: Cortes (2019)

O ex-líbris de Victor d’Avila Perez (Fig. 6), claramente em motivo livresco, apresenta traços de um estudioso em uma biblioteca, lendo um livro, possivelmente uma autoimagem. Esse proprietário foi um bibliófilo português que constituiu uma riquíssima e valiosa biblioteca na área de Ciências Humanas, incluindo livros de orações, história, catecismo. Conforme Castro et al. (2009), seus livros eram encadernados em pele e possuíam douração, gravados a ouro na lombada.

Nesse ex-líbris (Fig. 6) observam-se as letras iniciais do prenome e sobrenome do proprietário, nas margens superiores, direita e esquerda da imagem, assim como a divisa, em latim, que pode ser traduzida como o homem “ligado pelos escritos” (tradução nossa)⁹. Logo, o ex-líbris representa quadros sociais da memória do titular, indicando o gosto pela leitura e livros. Os signos dispostos poderão evocar, em quem observa, memórias relativas à erudição.

Os ex-líbris citados, acima, apresentam elementos como paisagem, livros, objetos, ambiente de trabalho, brasão heráldico, fauna, flora e outros. Esses signos ajudam a compor uma narrativa visual sobre o titular e, sobretudo, imprimem quadros sociais nos objetos (ex-líbris), enquanto que o próprio objeto pode ser um elemento dos quadros. Observa-se que a memória influencia, através dos quadros sociais, aquilo que será fixado no ex-líbris. Os rastros, no presente, evocam a memória naquele que visualizar o ex-líbris e, acima de tudo, nutrem as lembranças dos indivíduos,

⁸ Tradução realizada com auxílio do professor Dr. Vicente Dobroruka do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília.

⁹ Tradução realizada com auxílio do professor Dr. Vicente Dobroruka do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília.

no entanto, nem todos possuem a mesma interpretação. Os ex-líbris estimulam a evocação de memórias e, independente da correta interpretação das imagens, importam as significações que provocam nos indivíduos.

Diante da coleta de dados e, apesar de projetos e pesquisas realizados na instituição e pela instituição, envolvendo seu acervo, vislumbra-se o grande potencial documental das referidas marcas de posse para traçar o caminho percorrido pelas obras raras e especiais e salvaguardar no tempo presente, as memórias de indivíduos que estão atreladas à coletividade e a própria história da instituição. Portanto, as marcas de posse bibliográficas podem ser exploradas pela Bibliotheca Rio-Grandense para reafirmar a função patrimonial, bem como servir como fonte de (in)formação para a preservação de sua memória e identidade.

A identidade estabelece um vínculo entre as gerações humanas e se relaciona à transmissão das memórias para a posteridade. Por conseguinte, é no tempo histórico que as memórias são construídas e atreladas aos indivíduos e a seus objetos. Nesse ínterim, os ex-líbris evocam, além da memória social, a memória das técnicas e da tecnologia utilizada na produção dos livros enquanto objetos de cultura material. Muito mais que um simples objeto, os ex-líbris remetem para as origens da fabricação do livro. Diferentemente da atualidade, os primeiros livros eram produzidos artesanalmente, empregando técnicas de impressão e gravura que também eram usadas pelos gravadores, ilustradores e, enfim, artistas que executavam um ex-líbris e ainda, hoje, são usadas.

É pertinente compreendermos que a evolução do livro acompanhou o desenvolvimento social e o ex-líbris, enquanto um objeto que surgiu em função do livro, que representa um sujeito e estabelece relações, não poderia ficar à margem dessas transformações. As necessidades sociais e interesses, especialmente dos artífices envolvidos na produção, impulsionaram a criação de elementos que compõem o livro e que chegaram até hoje, como: títulos correntes, índices, paginação, entre outros.

A marca de posse, inicialmente com uma função utilitária, ganhou um caráter simbólico ao ser considerada a extensão do proprietário, como um ícone que comunica uma experiência cultural. O livro, por conseguinte, ao veicular um fluxo de imagens e sentidos, é capaz de despertar aspectos singulares nos indivíduos sobretudo, aflorando memórias a partir da materialidade do suporte. O ex-líbris, inserido no livro, é uma prova documental que imprime evidências de uma prática social, de um saber fazer (que envolve artistas e proprietários) e de técnicas. Entre essas, observamos que tanto os livros quanto os ex-líbris empregavam técnicas de gravura que evoluíram no tempo, como a xilogravura (gravura sobre matriz de madeira),

a calcogravura (gravura sobre matriz de metal) e a litogravura (gravura sobre matriz de pedra), dentre outras que chegaram ao século XXI.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se, com essa reflexão, que o patrimônio é construído socialmente, pelo homem que encontra nos objetos referências que o representam e dizem muito sobre os mais variados aspectos socioculturais, como os ex-líbris. Mesmo que não sejam patrimônio pela chancela do estado, são significativas representações da cultura investidas de memória. Ainda, carregadas de valores simbólicos para seus titulares, são consagrados patrimônios por ressonância.

Cabe lembrar que o ex-líbris, em acervos bibliográficos, é uma fonte de informação para pesquisadores que precisa ser conhecida para então ser reconhecida enquanto um objeto patrimonial pertencente a uma comunidade. Evidentemente, preservar a cultura material é preservar a memória e a identidade dos referidos suportes e dos indivíduos que os criaram.

Os quadros sociais da memória influenciam a produção de um ex-líbris, constituem-se em rastros e, através dos signos, influenciarão a evocação de memórias pelos sujeitos. Portanto, além de meros impressos gráficos, os ex-líbris, a partir de nosso olhar, afloram a memória e promovem a transmissão cultural; têm, ainda, potencial de provocar, nos observadores, o reconhecimento de elementos de sua cultura, contribuindo para preservar identidades.

De marca de propriedade a objetos de coleções, os ex-líbris refletem as circunstâncias de sua criação e, portanto, evocam memórias de técnicas utilizadas para criar elementos presentes na estrutura dos livros, potencializando a capacidade mnemônica dos indivíduos como um suporte de memória no interior de outro e que só existe devido as relações sociais estabelecidas dentro de contextos culturais. Assim, o ex-líbris e o livro, constituem um par inseparável que caminha e evolui conforme as atividades humanas e o desenvolvimento tecnológico.

REFERÊNCIAS

AQUINO, V. B. T. Um gabinete de leitura à beira mar: os primórdios da Bibliotheca Rio-Grandense (1846-1878). **Biblos**: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande, v. 35, n. 01, p. 100-119, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/12082/8873>. Acesso em: 1 out. 2021.

ARARIPE, F. M. A. Do patrimônio cultural e seus significados. **Transformação**, Campinas, v. 16, n. 2, p. 111-122, maio/ago., 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/9kRv9WpprV9j5jM5NMNPBSL/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 1 out. 2021.

- ASSMANN, A. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Unicamp, 2011.
- BENHAMOU, F. **Economia do patrimônio cultural**. São Paulo: Sesc, 2016.
- BERTINAZZO, S. M. de F. **Ex Libris**: pequeno objeto de desejo. Brasília: Universidade de Brasília, 2012.
- BRAHM, J. P. S. **A Musealidade no Museu Gruppelli, Pelotas/RS**: entre o visível e o invisível. 2017. 208 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/ppgmp/files/2016/11/Vers%C3%A3o-final-p%C3%B3s-banca-Jos%C3%A9-Paulo.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2019.
- BRAHM, J. P. S.; RIBEIRO, D. L.; SERRES, J. C. P. Memória e emoção: o caso do tacho do Museu Gruppelli, Pelotas/RS. In: MARCHI, D. de M.; KNACK, E. R. J.; POLONI, R. S. (org.). **Memória & patrimônio**: identidade, emoção e ditaduras. Ed. UFPel, 2020. p.194-214. Disponível em: http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/bitstream/prefix/4955/1/Memória_%26_Patrimônio_-_Volume_2_.pdf. Acesso em: 22 jan. 2020.
- BRUCHARD, D. de. Ex-libris. Belas histórias de arte, de vida e de amor aos livros. In: MARTINS FILHO, P. **Ex libris**: coleção Livraria Sereia de José Luís Giralaldi. Cotia: Ateliê editorial, 2008. p. 11-16.
- CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2016.
- CASTRO, A. P. de *et al.* **A universidade de Coimbra**: o tangível e o intangível. Coimbra: [s.n.], 2009. Disponível em: https://digitalis.uc.pt/pt-pt/livro/universidade_de_coimbra_o_tang%C3%ADvel_e_o_intang%C3%ADvel. Acesso em: 2 jan. 2020.
- CHAGAS, M. de S. Em busca do documento perdido: a problemática da construção teórica na área da documentação. **Cadernos de museologia**, n. 2, p. 29-47, 1994. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/534>. Acesso em: 15 mar. 2019.
- CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade: Unesp, 2006.
- DOHMANN, M. A experiência material: a cultura do objeto. In: DOHMANN, M. (org.). **A experiência material**: a cultura do objeto. Rio de Janeiro: Rio Books, 2013. p. 31-48.
- FARIA, M. I.; PERICÃO, M. da G. **Dicionário do livro**: da escrita ao livro eletrônico. São Paulo: Edusp, 2008.
- FÉDÉRATION INTERNATIONALE DES SOCIÉTÉS D'AMATEURS D'EX-LIBRIS OR INTERNATIONAL FEDERATION OF SOCIETIES OF EX-LIBRIS COLLECTORS (FISAE). **The Technical Symbols**. 2004. Disponível em: <http://www.fisae.org/home/symbols-for-techniques>. Acesso em: 20 dez. 2020.
- FERREIRA, M. L. M. Os fios da memória: fábrica Rheingantz entre passado, presente e patrimônio. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, v. 19, n. 39, p. 69-98, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/bXYTHwdySWpGSPHdCj3MHRf/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 5 jan. 2020.
- FRIENDS of the Hocken Collections. **Some Bookplates in the Hocken Collections**. 2005. Disponível em: https://www.otago.ac.nz/library/pdf/hoc_fr_bulletins/Bull_52_ExLibris.pdf. Acesso em: 15 jan. 2020.
- FUNARI, P. P. A.; PELEGRINI, S. de C. A. **Patrimônio histórico e cultural**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006.
- GONÇALVES, J. R. S. **Antropologia dos objetos**: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, c1990.
- HERNÁNDEZ, J. B.; TRESSERAS, J. J. **Gestión del Patrimonio Cultural**. 3. ed. Barcelona: Editorial Ariel, 2007.
- IZQUIERDO, I. Memórias. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 3, n. 6, p. 89-112, maio/ago, 1989.
- LATOURET, B. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria do ator-rede. Salvador: Edufba, 2012.
- MACHADO, U. **A etiqueta de livros no Brasil**: subsídios para uma história das livrarias brasileiras. São Paulo: Edusp, 2003.

- MACHADO, U. Sua excelência, o Ex-Líbris. In: SILVA, A. da C. e; MACIEL, A. (org.). **Livro dos Ex-Líbris**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2014. p. 9-75.
- MARTINS FILHO, P. **Ex-libris**: coleção Livraria Sereia de José Luís Garaldi. Cotia: Ateliê editorial, 2008.
- MATTOS, Armando de. **A psicologia do "ex-libris"**. Lisboa: Miscelânea, 1931.
- MEDEIROS, B. Um caçador de autógrafos. In: SARMENTO, F. M. (org.). **Coleção Adir Guimarães: inventário analítico**. Rio de Janeiro: A Biblioteca, 2007. Disponível em: <https://soparararos.files.wordpress.com/2019/01/sarmento-anaisbn-2003.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2019.
- MELOT, M. Qu'est-ce qu'un objet patrimonial? **Bulletin des bibliothèques de France (BBF)**, Paris, t. 49, n. 5, p. 5-10, 2004. Disponível em: <https://bbf.enssib.fr/consulter/01-melot.pdf>. Acesso em: 2 out. 2021.
- MOUREN, R. **Manuel du patrimoine en bibliothèque**. Paris: Cercle de la librairie, 2007.
- POMIAN, K. Coleção. In: **Enciclopédia Einaudi: Memória-História**. Lisboa: Imprensa Oficial / Casa da Moeda, 1984.
- POULOT, D. **Uma história do patrimônio no ocidente**. São Paulo: Estação liberdade, 2009.
- PRATS, L. El concepto de patrimonio cultural. **Cuadernos de antropología social**, n. 11, p. 115-136, 2000.
- RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.
- RODRIGUES, M. C.; VIAN, A. E.; TEIXEIRA, H. D. Marcas de procedência: contribuições para o estudo do livro raro. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Florianópolis, v. 25, p. 1-20, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2019.e65498/42498>. Acesso em: 15 set. 2020.
- STELLING, L. F. Ex-Líbris como objeto de estudo e coleção. In: SILVA, A. da C e.; MACIEL, A. (org.). **Livro dos Ex-Líbris**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2014. p. 174-177.
- TEXTILE INDUSTRY. Industria textil e do vestuário: Textile Industry: ano XII. Os Tapetes "Rheingantz". 2012. Disponível em: <http://textileindustry.ning.com/forum/topics/os-tapetes-rheingantz?commentId=2370240%3AComment%3A359762>. Acesso em: 17 dez. 2019.
- WISÉHNN, A. I. Christian Hammer: mannen som samlade på allt. **Svensk Numismatisk Tidskrift**. n. 6, p. 132-136, oktober, 2009. Disponível em: <https://numismatik.se/pdf/snt62009.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2019.